

Transmissão do psiquismo entre as gerações

The Psychic Transmission Between Generations

Ingrid Borba Hartmann*
Sidnei Schestatsky**

* Médica Especialista em Psiquiatria pelo HCPA.

** Professor Associado do Departamento de Psiquiatria da UFRGS, Preceptor da Residência de Psiquiatria do HCPA.

“Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”.
Goethe, *Fausto*.

Resumo

O debate sobre a transmissão do psiquismo entre gerações, embora presente desde o início na obra de Freud, teve nos últimos anos um novo impulso na psicanálise, com vários trabalhos dedicados à articulação da realidade psíquica do sujeito singular com a realidade psíquica do grupo. O estudo desses fenômenos pode enriquecer a compreensão do sofrimento psíquico, e o objetivo deste trabalho é realizar uma revisão teórica sobre o tema da transmissão do psiquismo entre as gerações, nas modalidades intergeracional e transgeracional, exemplificando-se com um caso clínico.

Descritores: relação entre gerações; psicologia identificação (psicologia).

Abstract

The debate about psychic transmission between generations has been present, in the work of Freud, since the beginning of psychoanalysis. But there has been a renewal of interest about this subject in the last years, and many articles have been dedicated to the understanding of the relationship between the psychic reality of the singular person and that of his group. The study of this phenomenon can enrich our comprehension of psychic suffering. So, the objective of this work is to proceed a revision of the literature about this topic,

on its two modalities, intergenerational and transgenerational transmission. A clinical report is included as an illustration.

Keywords: intergenerational relations; psychology; identification (psychology).

Introdução

O debate sobre a *transmissão psíquica* é contemporâneo ao nascimento da psicanálise¹, embora este tema esteja presente desde a Antiguidade². Na literatura, é possível observar a repetição de tramas em que tragédias familiares imobilizam o sujeito da ação³. A questão da herança transgeracional e intergeracional é um dos aspectos das tragédias clássicas, sempre em trilógias, desenvolvidas a partir do mesmo núcleo – o crime terrível no interior da família, que exige vingança através de outro crime sangrento, desencadeando nova vingança e assim por diante, sem a possibilidade de se interromper a sucessão dolorosa das mortes⁴. A problemática do Édipo, no plano da tragédia, é transmitida através das gerações desde seu avô, pai de Laio. Assim, o discurso de Édipo é também um discurso do outro, que remete ao outro, em uma articulação interminável que se dirige, por sua vez, a uma comunidade de homens, deuses e semideuses, cujas origens se confundem com o próprio mito da criação do mundo⁴.

A inscrição do sujeito em uma cadeia da qual é um elo e à qual se submete – seu desenvolvimento psíquico em relação àquilo do qual é herdeiro e que lhe é inconscientemente transmitido e seu forte per-tencimento psíquico a um grupo – todas essas interrogações abordam a questão da transmissão intergeracional e da imposição, para o sujeito, de ser herdeiro forçado, beneficiário, mas também pensador e criador daquilo que lhe foi transmitido.

Para compreender a transmissão do psiquismo entre sujeitos, e entre gerações, é fundamental compreender a relevância do papel do outro na formação do psiquismo do sujeito. As considerações pertinentes à transmissão psíquica entre gerações são encontradas já em Freud, em *Totem e tabu* (1913), ao se referir à continuidade psíquica na série das gerações – e também em *Introdução ao narcisismo* (1914), ao destacar que o indivíduo é, em si mesmo, seu próprio fim, mas se encontra vinculado a uma corrente geracional como elo da transmissão, sendo herdeiro da mesma⁵.

Essas ideias foram ampliadas por Klein, Bion e Winnicott, e se deve a eles a introdução dos conceitos de relação de objeto, função alfa e capacidade de *rêverie*. Outro conceito, o de *sujeito do grupo*, indica que o sujeito do inconsciente está sempre ligado a um conjunto intersubjetivo de sujeitos do inconsciente, um elo na cadeia genealógica que herda os desejos que pre-

cedem sua existência e que organizam seu próprio desejo. É assim que as formações do inconsciente se transmitem pela cadeia das gerações¹:

Neste conjunto que recebe a criança e que a nomeia, que terá sonhado com ela, que nela investe e lhe fala, o sujeito do grupo se torna sujeito falante e sujeito falado, não somente pelo efeito da língua, senão pelo efeito do desejo dos que – como... a mãe – se fazem também porta-vozes do desejo, da proibição, das representações do conjunto, ou seja, ocorrem inúmeras ações psíquicas que fazem com que o sujeito, em seu inconsciente, perceba uma necessidade dupla: de ‘ser para si mesmo seu próprio fim’ e também de ser ‘o elo de uma cadeia à qual está submetido, sem a participação de sua vontade’¹.

O *contrato narcísico* de Aulagnier (1997) indica a existência de um pré-investimento dos pais em relação ao bebê. A criança demanda ao grupo reconhecimento de que pertence a ele, enquanto o grupo demanda dela a preservação de valores e leis previamente estabelecidos. A criança, assim, só pode constituir objetos de pensamento sob a condição de terem sido transformados pela “função alfa” da psique materna. Da mesma forma, Winnicott ressalta a função transformadora e metabolizadora da mãe. Esse espaço de intermediação marca uma fundamental escolha de caminhos sobre a forma pela qual a transmissão psíquica vai acontecer ^{apud}5

A transmissão geracional

Parece haver uma urgência em *transmitir*, relativa à continuidade evolutiva de uma geração a outra, que permite a cada um não partir novamente do zero, e a cada um chegar à vida, tomando seu lugar com uma herança, depois de muitos outros. Uma geração não pode existir sem a que a precede e deve criar outra para perpetuar a vida para além de seu desaparecimento. E “sabemos que o que não pode ser contido em um sujeito, ou em um grupo, é ‘confiado’ a outro ou a outros, ou seja, *transmitido*”².

A transmissão imposta a cada um, desde o nascimento, faz da criança o elo de uma cadeia geracional e a destina a um lugar oferecido pelo grupo que a acolhe. Herdeira daquilo que se teceu e daquilo que se calou nos laços de aliança dos pais, a criança, que se beneficia do investimento narcísico destes, assegura a continuidade do conjunto e adquire a possibilidade de sua própria subjetividade. É a este preço que poderá existir, constituir-se psiquicamente como sujeito do inconsciente e sujeito do grupo. O que é oferecido à criança é um lugar a ocupar e uma carga a assumir. Aquilo de que deve se encarregar é a continuidade do ser-conjunto da família, herdeira dessa parte lacrada no

pacto de aliança, o “pacto denegativo”, que tem por função conter e manter fora de alcance certas questões negativas da transmissão psíquica no momento da aliança².

A transmissão nunca é passiva. O que é transmitido por uma geração será recebido pelos filhos na malha das identificações e no tecido complexo dos laços familiares, que vão modificar o que foi transmitido. Certos elementos podem ser impostos aos descendentes, mas estes sempre terão de adquiri-los em função de vários fatores em relação ao seu desenvolvimento e seu lugar².

O que se transmite?

O que se transmite são essencialmente configurações de objetos psíquicos e seus vínculos com aqueles que precedem cada sujeito. Aquilo que se transmite e constitui a pré-história do sujeito é mais do que os pilares *positivos*, que sustentam as continuidades narcísicas e objetais, manutenção dos vínculos intersubjetivos, formas e processos de conservação e a complexidade da vida, como ideais, mecanismos de defesa, identificações, pensamentos e certezas. Essas configurações de transmissão são também fortemente marcadas pelo *negativo*, o que não pôde ser contido, retido, lembrado, que não encontrou inscrição na psique dos pais e que vem depositar-se na mente da criança: a falta, a doença, o crime, os objetos desaparecidos sem traço nem memória e para os quais nenhum trabalho de luto pôde ser realizado¹.

Granjon refere que

Nada pode escapar a ser transmitido de uma forma ou de outra. Nenhuma falta, nenhuma transgressão, nenhuma morte, nenhum delito e sua carga de culpa e vergonha podem ser abolidos; obrigados a serem transmitidos... com os impedimentos, interditos, mecanismos de defesa que suscitam, e colocados para evitar que seja conhecido, sabido ou dito o que deveria não ter sido, o que foi traumático... acontecimentos que irromperam em um momento da história... (e em que) fracassaram as formações e os processos capazes de metabolizá-los, de torná-los pensáveis, de integrá-las em uma psique e em uma história.

O transmitido, então, será o traço daquilo que se passou e não pôde ser pensado, com seu cortejo de terror, vergonha e interdições².

Vias de transmissão

Para Correa, que interroga “como um sujeito pode ser atingido pela história que pertence ao outro? Desde uma perspectiva clínica, como este fantasma se transforma em uma espécie de organizador do psiquismo do paciente?”, são os diversos *mecanismos de identificação* que estão na base do processo⁷.

O mecanismo de identificação, nas suas mais variadas formas e desdobramentos, alcança o estatuto de alicerce ou fundação das transmissões psíquicas⁸. Há, porém, diferenças entre os conceitos clássicos de identificação e o significado que adquirem na transgeracionalidade. Freud partia do princípio de que nosso aparelho psíquico se estrutura dentro de um contexto intersubjetivo, em que o herdado tem um papel de destaque. Em vários momentos de sua obra, estabeleceu elos entre a psicologia individual e a grupal, onde é possível entrelaçar os conceitos de identificação, transmissão, estruturação psíquica e psicopatologia⁸.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), Freud articula o conceito de identificação sem nomeá-lo. Destaca o papel do psiquismo dos pais, transferindo ao bebê seu narcisismo infantil, e reivindicando que realize, em nome deles, desejos a que renunciaram⁸. A identificação narcísica se torna, em *Luto e melancolia* (1917), o epicentro das estruturações narcísticas. A melancolia é resultante de um luto pela perda do objeto escolhido em base narcísica e ambivalentemente amado. Assim, a libido, que estivera investida nos objetos, é agora retirada para o próprio ego, dando origem às autoacusações e sentimentos de desvalia.

Em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), Freud amplia o conceito de identificação. Refere-se a uma mente “grupal” como um fenômeno decorrente de algo que haja em comum entre indivíduos, um interesse, uma inclinação emocional semelhante, certo grau de influência recíproca. O grupo é capaz de induzir emoções até um grau difícil de ser atingido individualmente. O fenômeno do *contágio*, antes utilizado para explicar os efeitos da transgressão dos tabus entre povos primitivos, é agora descrito como fenômeno em que as emoções vão contagiando os membros do grupo, agindo como uma compulsão a fazer o mesmo que os outros e permanecer em harmonia com o grupo. Esse *contágio* emocional, que conduz à imitação, é provocado pela influência sugestiva do grupo. Os laços de amor e as identificações com o líder e com os membros do grupo serão a base que sustentará a influência do grupo.

O vínculo emocional e o desamparo da criança frente aos genitores parecem constituir, para Freud, os fundamentos primitivos dos processos de identificação, de onde emanam as transmissões inconscientes de um indi-

víduo para outro e de geração para geração, formando a base para o funcionamento intrapsíquico⁸.

Ferenci aborda a *introjeção* como caminho para a identificação, operando em um vaivém entre o narcísico e o objetal, envolvendo uma expansão do ego e o resgate do fator traumático na patogênese das neuroses. Ao abordar o conceito de identificação sob a égide da agressão do adulto, argumenta que a criança, por medo, é obrigada a submeter-se à vontade do agressor, a adivinhar seus desejos, a obedecer-lhe esquecendo-se de si mesma até se identificar totalmente com ele. Por identificação, digamos, por introjeção do agressor, ele desaparece como realidade exterior e torna-se intrapsíquico; mas o que é intrapsíquico vai ser submetido, num estado próximo do sonho – como é o transe traumático – ao processo primário, ou seja, o que é intrapsíquico pode, segundo o princípio do prazer, ser modelado e transformado de maneira alucinatória, positiva ou negativa. A agressão deixa de existir como realidade exterior e, no decorrer do transe traumático, a criança consegue manter a crença em uma situação de ternura anterior. A personalidade ainda fracamente desenvolvida reage ao brusco desprazer, não pela defesa, mas pela identificação e introjeção daquele que a ameaça e agride⁸.

O conceito de *identificação projetiva* de Melanie Klein assinala o processo psíquico em que há uma tentativa de borrar os limites, em que o sujeito, ao projetar suas partes “más” no objeto, estabelece “relações objetais narcisistas”⁸. Segundo Etchegoyen,

A identificação projetiva supõe sempre uma confusão, onde algo pertencente ao sujeito passa ao objeto, com o que aquele perde sua individualidade, e este fica investido pelo que, em propriedade, não lhe pertence. Com isto se outorga ao sujeito uma identidade que lhe é alheia e excêntrica, que borra seus limites, que o sobrepõe com o outro (*apud* Trachtenberg, p. 47).

Nos trabalhos de Abraham e Torok, o conceito de identificação tem um papel secundário, enquanto que a introjeção ocupa um lugar destacado. Os autores consideram que o “resultado da introjeção é uma relação com o objeto interno, enquanto que o da identificação é a designação de um lugar eleito, momentaneamente, como domicílio pelo sujeito”. E acrescentam: “é um processo pelo qual o sujeito pode se deslocar e ocupar diferentes posições”, diferentemente da introjeção, que indica a via dos conflitos entre sujeito e objeto, a problemática do dentro e do fora, do estrangeiro e do próprio⁸.

A introjeção é considerada como “da ordem do crescimento”, pois expande o ego e o enriquece, introduzindo nele a libido inconsciente, anônima

ou recalçada. O que é introjetado não é o objeto em si, mas o conjunto das pulsões e suas vicissitudes, mediadas pelo ego. A *incorporação* teria outro destino: é a consequência da perda do objeto “antes que os desejos que lhes dizem respeito sejam liberados”, substituindo a introjeção que não ocorreu. É um processo mágico, que obedece ao princípio do prazer e em um estágio próximo ao da realização alucinatória. As perdas narcísicas que têm a incorporação como destino são aquelas que não puderam ser confessadas como perdas. Nesses casos, não aconteceu a introjeção do objeto perdido, surgindo a incorporação como uma denegação radical, pois se finge que nada foi perdido⁸. O conceito de incorporação relaciona-se ao de *cripta* e *fantasma*, discutidos adiante.

Faimberg propõe a existência de uma “identificação narcisista inconsciente alienante”, submetida ao regime de regulação narcísica, que tem como objetivo evitar a ferida infligida pelo Édipo (ao manter a ideia de um tempo circular, em que não existem diferenças geracionais). Nesse processo, é característica a função de *apropriação-intrusão*, e por solidariedade aos pais, o sujeito não tem permissão para existir psiquicamente em nenhum outro registro, sendo portador de uma história que, em parte, não é sua. Nesses pacientes, os “pais internos” estão inscritos em seu psiquismo como pais que consideram o filho parte deles mesmos, e nessa regulação narcísica, tendem a despojá-lo do que lhes proporciona prazer e odeiam-no quando o filho se diferencia. Assim, ao permanecer ligada à história familiar, a identidade do sujeito é determinada pelo que é rejeitado na história dos pais, organizando-se sob o sinal da negação – uma *identidade negativa*⁹.

Transmissão intergeracional

Podemos definir duas modalidades da transmissão psíquica: a *intergeracional* e a *transgeracional*.

Transmitir é fazer passar um objeto, pensamento, história ou afetos de uma pessoa para outra, de um grupo para outro, de uma geração para outra. Isso implica que o que é transmitido abandone um pelo outro, que haja uma distância e um laço entre o “transmissor” e o “receptor”, acolhimento e apropriação pelo adquirente-herdeiro e, eventualmente, uma modificação daquilo que é transmitido. O sujeito é beneficiário, herdeiro, servidor forçado, mas também um adquirente singular do que é transmitido².

Esse é um trabalho psíquico que diz respeito ao sujeito e ao grupo. Os processos de transmissão implicam ligações com, e entre, diferentes níveis intrapsíquicos e intersubjetivos, intermediadas pelo grupo, pelos agenciamentos e pelas formações psíquicas mobilizadas, favorecendo transformações e conduzindo a uma diferenciação, uma evolução entre o que é trans-

mitido e o que é herdado e depois adquirido. Isso permite a cada geração situar-se em relação às outras, inscreve cada sujeito em uma cadeia e em um grupo, funda sua própria subjetividade, constitui sua história e o torna proprietário de sua herança. A transmissão psíquica *intergeracional* é um trabalho de ligações e de transformações².

Ela é também estruturante, nucleada na existência de um espaço de transcrição transformadora, no qual se veicula a herança intergeracional, constituída pelas fantasias, imagos, identificações, etc., que organizam uma história familiar e relato mítico, do qual cada sujeito pode adotar elementos necessários para construir sua novela individual neurótica. Exemplos dessas transmissões são as tradições, culturas, o núcleo de pertinência, uma filiação ou um sobrenome que tenham força de coesão⁵.

Essa seria a trilha das transmissões psíquicas entre gerações bem-sucedidas e exitosas, nas quais o escudo protetor materno cumpriu sua meta a contento, a mãe pôde investir adequadamente no seu bebê, além de funcionar como transformadora para ele e para si própria, sem invadir o campo da intersubjetividade com ansiedades ou lutos mal elaborados de sua história ou pré-história⁵.

Transmissão transgeracional

Todo o trabalho (de ligações e de transformações) pode falhar, e a transmissão psíquica pode, então, ser alienante e não estruturante. O que é transmitido sem distâncias e sem laços, sem transformação, atravessa as gerações e se impõe em estado bruto aos descendentes². Temos então a transmissão *transgeracional*.

Os acontecimentos mais dolorosos não são necessariamente os mais alienantes, pois qualquer acontecimento poderá ser traumático e alienante para os descendentes se não puder ser elaborado, se for transmitido sem que os afetos que suscita possam ser tolerados, sem que um pensamento sobre este acontecimento venha contê-lo e representá-lo². Várias situações podem destruir a capacidade e a função parentais: lutos não elaborados, segredos, histórias lacunares, histórias de violência, vazios, migrações, traumas que não puderam ser transformados, simbolizados, historicizados. Essas situações comprometem dramaticamente a capacidade metabolizadora parental de ansiedades primitivas do bebê. Assim, o trauma inaugura, na história de muitos sujeitos, as condições para transmissões transgeracionais, carentes do espaço prévio de transcrição transformadora⁵.

Quando um acontecimento com potencialidade traumática vem perturbar ou impedir o processo de integração harmônica, ele cria lacunas, inclusões, *criptas* na psique. Estes “passados sob silêncio” ou “mantidos em

segredo”, estes “restos insensatos” de um acontecimento inaceitável estão fora do alcance do trabalho psíquico e obstruem a psique do sujeito e do grupo, permanecendo em estado bruto, consagrados à repetição e oferecidos às identificações da criança com a secreta esperança de que esta, herdeira e suplente narcísica, possa realizar o trabalho fracassado. Pode-se dizer que *transmitir é mais importante que o que é transmitido*, e o que será encontrado na descendência é o indizível, o impensável, o *processo do segredo mais do que seu conteúdo*².

As contribuições de Abraham e Torok sobre o luto, a cripta e o fantasma foram decisivas para as investigações das transmissões transgeracionais, destacando-se a ideia de que no inconsciente de um sujeito se enquista uma parte do inconsciente do outro, que o vem habitar como um *fantasma*, assim como o mandato imperativo que o ancestral faz pesar sobre a sua descendência. Surgindo da cripta e do mandato, do segredo inconfessável e da não-simbolização, o acento passará a ser colocado na falha do simbólico, no negativo, no “branco”, no vazio, nos elementos brutos (não transformados), na telescopagem, nas identificações alienantes⁵.

Essa história, ou não-história, repleta de não-ditos, que precisa ser dissociada ou clivada pelo sujeito, habitando uma cripta firmemente lacrada, necessitará encontrar um depósito fora dele próprio. O indivíduo expulsa de dentro de si seu próprio fardo, as partes alienadas de si mesmo, e as coloca em alguém narcisicamente selecionado da geração seguinte. Essa identificação projetiva (identificação alienante para Faimberg; identificação mórbida para Pereira da Silva) “liberta” o representante da geração atual, enquanto “escraviza” o representante da geração seguinte. Este, vivendo uma história que em parte não é sua, tendo uma parte de seu psiquismo alienado, estrangeiro a si mesmo, é um dos protagonistas daquilo que Faimberg denominou telescopagem de gerações⁵. Ao ser introduzida na constelação traumática dos pais, a criança cumprirá várias funções para os mesmos. Poderá tomar o lugar dos mortos, identificando-se com eles, para satisfazer a mãe, servindo assim de continente para as angústias excessivas do adulto, invertendo as posições na linha geracional, transformando-se, por exemplo, em pai de seus pais⁵.

Outras contribuições sobre transmissão

A “transmissão” na obra de Freud

Para Freud, a noção de transmissão é polissêmica. Além do sentido específico de transferência, que adquiriu no campo psicanalítico, *Übertragung* é também empregado para os processos de transmissão de pensamento, telepatia, indução, fenômenos de contágio e imitação em funcionamento nas

multidões e nas modalidades de prescrição dos tabus. *Übertragung* é também empregado no debate sobre a hereditariedade e etiologia da neurose, vinculando-as à questão de aquisição (*Erwerbung*) e da transmissão, por via psíquica, da doença. São questões que inauguram a reflexão sobre a histeria e a análise de Dora, introduzindo a dimensão intergeracional e intragrupal dessa transmissão” (Kaës, 1985, *apud* Pereira da Silva, 2003, p. 19).

A transmissão psíquica, para Freud, envolve a questão do sujeito com sua herança psíquica, social, religiosa e cultural, mas também a descoberta do complexo de Édipo e tudo que daí deriva. Em *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud inaugura um novo caminho, ainda ligado à questão da histeria: o da transmissão inconsciente por identificação com o objeto ou com a fantasia do desejo do outro. A discussão refere-se à imitação e ao contágio psíquico entre os sujeitos, mas também às modalidades intrapsíquicas da transmissão dos pensamentos (do sonho). Há transmissão intersubjetiva no movimento pelo qual o sujeito se identifica com o desejo ou com o sintoma do outro. O que se transmite, de um a outro, é um traço inconsciente comum³.

Em *Totem e tabu* (1913), Freud aponta para as investigações sobre a transmissão transgeracional de patologias:

... podemos presumir, com segurança, que nenhuma geração pode ocultar à geração que a sucede nada de seus processos mentais mais importantes, pois a Psicanálise mostrou que todos possuem, na atividade mental inconsciente, um “*apparatus*” que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos (Freud, 1913, *apud* Pereira da Silva, 2003, p. 20).

Freud inaugura outro percurso, o que se transmite de geração em geração: a transmissão do tabu, do crime e da culpa. Retoma o debate sobre o que é inato e o que é adquirido – a noção de patrimônio e de herança arcaica, considerando os fatores da história pessoal e da etiologia específica. Discrimina a transmissão por identificação aos modelos parentais (história do indivíduo) da transmissão genética, constituída por traços mnemônicos das relações com as gerações anteriores (pré-história do indivíduo). Na pré-história inclui-se a transmissão dos objetos perdidos, enlutados, fatos congelados e enigmáticos, sobre os quais não houve elaboração nem simbolização³.

No mesmo artigo, introduz a ideia de uma formação do inconsciente na própria transmissão do recalçamento, e não apenas dos conteúdos recalçados. O que se transmite é um traço, mas não só um traço. Nada pode ser completamente abolido; não há nada que seja abolido e que não apareça algumas gerações depois como enigma, como impensado ou como signo do que não pôde ser transmitido na ordem simbólica³.

Em 1914, em *Introdução ao narcisismo*, explicita os fundamentos narcísicos da transmissão entre as gerações e através delas; desvenda o agenciamento do apoio mútuo entre o narcisismo da criança e o narcisismo parental; introduz a noção de um sujeito do inconsciente dividido entre a exigência de seu narcisismo e de se constituir como sujeito do grupo. Ao opor a condição narcísica do sujeito à do sujeito da intersubjetividade, articula o apoio do narcisismo sobre o da geração precedente, sobre a transmissão à criança dos sonhos de desejos insatisfeitos dos pais. Chama a atenção sobre os investimentos que são depositados sobre a criança e que poderão dar lugar e sentido aos projetos não realizados dos pais, marcando as condições do nascimento psíquico desse filho³.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Freud afirma que tudo que se transmite dentro do grupo o é pelas identificações. Essas proposições asseguram, na sua origem, a importância do conceito de transmissão, isto é, o processo de tomar conhecimento da realidade psíquica que se transporta, se desloca ou se transfere de um indivíduo a outro, entre eles ou através deles, ou nos vínculos do grupo, ainda que o que foi transmitido psiquicamente se transforme ou permaneça igual³.

Na obra acima citada (1921) e em *O Ego e o Id* (1923), o autor austríaco reelabora a questão da hereditariedade e da herança dos traços psíquicos, depois de ter acompanhado o destino do objeto perdido na elaboração das instâncias do aparelho psíquico (3). A questão da hereditariedade vai acompanhar Freud desde os *Estudos sobre a histeria* (1895) até *Análise terminável e interminável* (1937) e *Moisés e o monoteísmo* (1939). O que está em debate é a etiologia das neuroses e sua transmissibilidade por via psíquica. Em *Moisés e o monoteísmo* (1939), Freud sublinha que a herança arcaica do homem não engloba somente disposições, mas conteúdos e traços mnêmicos do que foi vivenciado por gerações anteriores. Dessa maneira, a extensão e a importância da herança arcaica são significativamente ampliadas³. A transmissão intrapsíquica tem como referência o texto *A Interpretação dos sonhos*. Sonho, processo associativo, representação – essas formações são os objetos e os vetores da transmissão interna da realidade psíquica. Já a transmissão transgeracional ou intergeracional se dá por meio de mediações verbais e não verbais, qualquer que seja o nível tópico de onde parte a mensagem: inconsciente, pré-consciente e consciente³.

O negativo

O *negativo* está presente na obra de Freud em manifestações como a alucinação negativa, transferência negativa, reação terapêutica negativa, negação, a recusa ou desmentida (*Verleugnung*). Em *Além do princípio do prazer*

(1920), ele propõe que a pulsão de vida tem a função de ligação e que a pulsão de morte busca o desligamento, a não-ligação¹⁰. A transmissão psíquica de elementos traumáticos, não elaborados, em que predominaram a pulsão de morte e a ação do negativo, ocorre por um desbordamento narcisista maligno da mente dos pais sobre a mente do bebê. Não se trata do narcisismo de vida, necessário à constituição psíquica do bebê, mas de um narcisismo de morte, como diz Green¹⁰.

Para Aulagnier:

(...) a ação desse narcisismo de morte se dá através de um radical desinvestimento afetivo e representacional. O desinvestimento ameaça qualquer encontro, qualquer objeto, qualquer experiência que, para ter uma existência psíquica, implique a possibilidade de uma atividade de ligação. Qualquer trabalho de desinvestimento bem-sucedido não deixa traço algum que possa indicar que algo existiu, que algo ocorreu. Esse algo é substituído pelo vazio. Nenhuma saudade, nenhum traço de um objeto perdido. Nada de representações recalçadas (*apud* Trachtenberg, 2005, p. 61).

O sujeito do grupo, pacto denegativo, transmissão intersubjetiva e transpsíquica

Em relação ao conceito do “*sujeito do grupo*”, Kaës descreve que

O inelutável é que somos postos no mundo por mais de um outro, por mais de um sexo, e que nossa pré-história nos faz, muito antes do nascimento, o sujeito de um conjunto intersubjetivo cujos sujeitos nos têm e nos sustentam como os servidores e herdeiros de seus ‘sonhos de desejos irrealizados’, de suas repressões e de suas renúncias na rede de seus discursos, de suas fantasias e de suas histórias. De nossa pré-história tramada antes de nascermos, o inconsciente nos terá feito contemporâneos, porém só chegaremos a ser seus pensadores por resignificação. Essa pré-história, de onde se constitui o originário, está arraigada à intersubjetividade (Kaës, 2001, *apud* Trachtenberg, 2005, p. 25).

Sobre a transmissão, Kaës distingue dois tipos, a **intersubjetiva e a transpsíquica**. A primeira é uma transmissão que envolve relações imaginárias, reais e simbólicas entre os sujeitos. O grupo familiar é o espaço originário da intersubjetividade; ele precede o sujeito singular, está estruturado por uma lei constitutiva e seus elementos estão em relação de diferença e de complementaridade. Aí se enunciam as proibições fundamentais, relações de desejo que estruturarão os vínculos, identificações e o complexo edípico. Já na *transmissão transpsíquica*, há uma abolição dos limites e espaços subjetivos, não existe a experiência de separação entre sujeitos, que

ficam à mercê das exigências do narcisismo. Esses conceitos relacionam-se, respectivamente, aos conceitos de transmissão intergeracional e transgeracional já descritos⁸.

O **pacto denegativo** refere-se às diversas operações (recalque, denegação, recusa, desmentida, rejeição ou enquistamento) que se requerem ao sujeito para que o vínculo intersubjetivo se constitua e se mantenha¹. Esse acordo inconsciente é imposto para que 1) o laço se organize e se mantenha em sua complementaridade de interesse; e 2) seja assegurada a continuidade dos investimentos e dos benefícios ligados à subsistência dos ideais, do contrato ou do pacto narcísico. O pacto denegativo comporta duas polaridades: uma é *organizadora* do laço e do conjunto intersubjetivo, a outra é *defensiva*. Cada conjunto se organiza *positivamente* sobre investimentos mútuos, identificações comuns, comunidade de ideais e de crenças, contrato narcísico, modalidades toleráveis de realizações de desejos. Mas também se organiza *negativamente*, sobre uma comunidade de renúncias e de sacrifícios, apagamentos, rejeições e recalcamientos, sobre um “deixado de lado” e sobre “restos”. O pacto contribui para essa dupla organização, cria, no conjunto do não-significável e do não-transformável, zonas de silêncio, bolsões de intoxicação, espaços-lixerias ou linhas de fuga que mantêm o sujeito estrangeiro à sua própria história. Nos casais, nas famílias, nos grupos e nas instituições, as alianças, contratos e pactos inconscientes sustentam, principalmente, o destino do recalque e da repetição¹¹. O pacto é um tipo de aliança inconsciente e fala de tudo aquilo que se impõe nos laços intersubjetivos, relacionado ao negativo, em suas várias formas; é a expressão do negativo no âmbito da intersubjetividade⁹.

Cripta e fantasma

Nicolas Abraham e Maria Torok são considerados precursores dos estudos sobre a transgeracionalidade. O conceito de **cripta**, cunhado por eles, define um lugar psíquico destinado a manter as perdas (narcísicas) não elaboradas, que não puderam ser confessadas como perdas; sua formação ocorre quando a incorporação se dá com a impossibilidade da introjeção, impedindo que a dor da perda seja transformada em linguagem, proibindo-a de adquirir significação. Instala-se então uma negação radical^{9,12}:

Todas as palavras que não puderam ser ditas, todas as cenas que não puderam ser lembradas, todas as lágrimas que não puderam ser vertidas, serão engolidas, assim como, ao mesmo tempo, o traumatismo, causa da perda. Engolidos e postos em conserva. O luto indizível instala no interior do sujeito uma sepultura secreta (Abraham e Torok, 1995, p. 248).

Na *cripta* está viva, reconstruída a partir de lembranças, palavras, imagens e afetos, a imagem da pessoa, com tópica própria, bem como os momentos traumáticos – efetivos ou imaginados – que tornaram a introjeção impraticável. Cria-se um mundo fantástico, inconsciente, que leva uma vida separada e oculta^{9,12}. A incorporação, como consequência de um luto vergonhoso, ocorre em um estado em que o ego já estaria acuado, após uma experiência objetual de decepção. A *cripta*, por sua estrutura, mantém essa montagem, e é resultante de um segredo partilhado, segredo vergonhoso de um objeto que desempenhava o papel de ideal de ego^{9,12}.

O *fantasma* não é resultado de um luto falho, como no caso da melancolia, mas das lacunas que os segredos dos outros deixam. Esses segredos retornarão nos descendentes como uma espécie de túmulo escondido. O *fantasma* é uma formação do inconsciente com a particularidade de nunca ter sido consciente, produto da passagem de conteúdos do inconsciente dos pais ao inconsciente do filho. A aparição do *fantasma* indicaria, pois, os efeitos sobre seu descendente, daquilo que tivera, para o pai ou para a mãe, valor de uma ferida ou catástrofe narcísica. O *fantasma* tem manifestamente uma função diferente da do recalçado dinâmico. Seus retornos periódicos, compulsivos, vão além da formação dos sintomas sob a perspectiva do retorno do recalçado; funciona como um ventríloquo, como um estranho com relação à tópica própria do sujeito⁹.

Haydée Faimberg: telescopagem de gerações

A *telescopagem das gerações* é um tipo especial de identificação inconsciente alienante, que condensa três gerações e que se faz revelar na transferência. O termo “telescopagem”, embora não exista em português, se refere, em francês e em inglês, aos objetos que se *encaixam* entre si, uns dentro dos outros, como as bonecas russas⁹.

Cisão do ego e a desmentida: “Eu sei, mas mesmo assim...”

A *desmentida* é o mecanismo de defesa predominante nas perversões, mas também presente, de maneiras e em graus diferentes, em outras patologias⁹. Diversamente da negação, que age a serviço da repressão sobre os representantes verbais, a desmentida atua sobre os significantes não verbais e se dirige a representações que guiam os comportamentos e que, por se colocarem em contradição, coexistem graças a uma clivagem do ego⁹.

No artigo *Fetichismo* (1927), Freud fala da recusa do sujeito em reconhecer a percepção da realidade da ausência de pênis na mulher, fonte de angústia de castração que pode ser insuportável. Junto com o mecanismo

defensivo de clivagem, o sujeito desmente essa percepção, mantendo no psiquismo duas posições inconciliáveis: recusa a falta do pênis na mulher, mas *sabe* que essa falta existe, o que deu origem à conhecida fórmula: “Eu sei, mas mesmo assim...”. Segundo Freud (1940[1938]-b), essas duas forças “persistem ao longo da vida, lado a lado, sem se influenciarem reciprocamente. É o que podemos chamar de uma divisão do ego”⁹.

Por razões adversas, em momento precoce do desenvolvimento, se abriria uma fenda no ego para fazer frente às demandas pulsionais. A demanda teria a ver com a satisfação de uma exigência pulsional, ao mesmo tempo em que a experiência externa lhe ensina que tal satisfação representa um perigo real. Estabelece-se um conflito entre pulsão e realidade, e através da cisão do ego, a criança imagina que possa satisfazer ambas condições, fórmula que lhe parece válida e eficaz. Por um lado, rejeita a ameaça que vem de fora, não acatando sua proibição; por outro, reconhece que essa ameaça existe, mas assume o risco através de um sintoma, negando seu medo e originando um inconsciente cindido (mas não reprimido) e instalando dentro do ego a desmentida e a estrutura narcisista¹³.

Que situações adversas induzem à cisão? Para Baranes, o mecanismo da desmentida se instala a partir de um *exagero do negativo*⁵. As situações negativas que induzem essa cisão estão relacionadas com desejos parentais nãoelaborados, que atingem o psiquismo do filho de forma violenta e intrusiva.

Para Freud, a compulsão à repetição caracterizará as neuroses de destino e repetirá não só o Édipo, mas as primeiras marcas mnêmicas, a fusão narcisista, a identificação primária, que imprimiram no sujeito um desejo alheio a suas pulsões e que se repete automaticamente. Repete-se não só o prazeroso, mas também aquilo que nunca o foi. Repetem-se desejos e histórias alheias às pulsões do sujeito¹³.

O objeto externo, representado na maioria das vezes pelos pais, toma uma importância decisiva na constituição do ego do sujeito, principalmente quando se encontra envolvido em situações traumáticas anteriores ao nascimento do filho, importância no sentido de invadir o seu psiquismo, influndo na cisão do ego incipiente e criando a desmentida como mecanismo de sobrevivência¹³.

Enriquez acredita que o resultado dessas invasões torna-se mais deletério quando acontece de forma insidiosa e continuada, no vínculo afetivo diário entre pais e filhos, em que se tecem identificações, se organizam traumas fantasmáticas e se instaura “uma confusão de línguas”, através das quais as palavras ditas transmitem, de forma latente, mensagens delirantes⁵. É possível que uma situação aguda, um surto psicótico de um dos pais, em um

momento circunscrito, não ocasione um efeito tão desastroso quanto este na mente do filho¹³.

Laplanche utiliza o termo “significantes enigmáticos” para essas mensagens que assaltam os filhos, de todas as formas e por todos os lados. Enigmáticos porque a criança não possui o código para decifrá-los, mas, sobretudo, porque o mundo mental dos pais está impregnado de significações inconscientes cujo código eles próprios desconhecem⁵. Estabelece-se uma relação narcisista alienante, fusionada, sem fronteiras, em que pensamentos se confundem. Há uma necessidade de não distinguir ego de não-ego¹³.

Esses conceitos, fundamentais para a compreensão da transmissão do psiquismo entre gerações, parecem relevantes para a compreensão do caso clínico descrito a seguir.

Caso clínico

Vera tem 61 anos, viúva e ex-professora. Tem os cabelos embranquecidos e sem pintura, aparentando mais idade. Há 25 anos trabalha em uma fazenda terapêutica para dependentes químicos, fundada por ela e vinculada a uma instituição religiosa, da qual é membro. Mora na fazenda e é responsável por sua administração, embora sua principal fonte de renda seja a pensão do marido, falecido há seis anos.

Relata ter tido uma infância difícil, com um pai alcoolista e agressivo, que não a aceitava em casa por achar que não era sua filha e sim fruto de uma suposta traição da mãe. Suicidou-se quando ela tinha 10 anos. Vera é a 3ª de quatro filhos. A mãe é dita como pouco confiável e mentirosa. Aos 5 anos de idade, vivia com a irmã mais velha em um orfanato; um dia, receberam a visita da mãe, que, sem explicações, sem aviso e sem se despedir, levou consigo a irmã e a deixou sozinha na instituição. Depois, Vera morou em diversas casas, com diferentes famílias, convivendo com a família biológica por curtos períodos. A mãe a “dava para os outros com facilidade”. Se alguém comentasse que era uma criança “bonitinha”, a mãe já a oferecia: “quer ficar com ela?” Aos 7 anos, foi afinal adotada por um casal de médicos, que já tinha uma filha biológica. Aos 10 anos, a mãe a procurou para comunicar que o pai se suicidara.

P – Quando soube do suicídio dele, achei que ia voltar pra casa, porque a mãe dizia que, se voltasse enquanto ele estivesse vivo, o pai me mataria; mas aí, quando morreu, em vez de me levar pra casa, ela me deu de papel passado pra minha família adotiva. Foi aí que comecei a odiá-la e a achar que era ela (e não o pai) que não me queria em casa...

Quanto aos os pais adotivos, médicos (ele ginecologista, ela anestesista), descreve-os como rígidos e distantes (mas reconhece que foi tratada como a irmã, filha biológica deles, tendo as mesmas oportunidades de estudo). Viveu com eles até os 17 anos, quando fugiu para se casar, pois os pais adotivos “não aprovavam seu namorado”. Dos 17 aos 18 anos, morou com a mãe e os irmãos biológicos, relatando “mentiras e enganos” por parte da mãe (que esconderia comida dela para deixar para as outras filhas) e conflitos com os irmãos. Sem maior explicação, não voltou a ter contato com a família que legalmente a adotara.

Atualmente tem quatro filhos biológicos e dois adotivos. Mas Pedro, um dos “filhos adotivos”, não foi de fato adotado: tem 21 anos, é ex-dependente químico e vive desde os 17 anos na fazenda. No momento, é “monitor”, com a função de orientar outros internos e auxiliar em atividades administrativas simples. Pedro sempre foi “muito apegado” à paciente, mas há algum tempo Vera percebeu que o amor de Pedro “não era mais o amor de um filho pela mãe”. Falou que estava “apaixonado” por ela, que correspondeu a esses sentimentos. Mas se sente angustiada em assumir o relacionamento, pois teme a reação dos filhos. Ela e Pedro estão “aguardando um sinal de Deus” para se casarem. Por enquanto, embora durmam juntos, só se permitem toques nas mãos e beijos no rosto, pois sua religião não permite sexo antes do casamento. Pedro ainda chama Vera de mãe, o que a deixa “um pouco desconfortável”.

Um dos seus temas recorrentes é a questão das consequências de assumir publicamente esse relacionamento. Diz que Pedro é a única pessoa que se interessa por ela e lhe dá atenção.^a Às vezes demonstra interesse e até ciúmes de Vera, outras vezes se envergonha do relacionamento por ela estar “ficando muito velha” (a diferença entre eles é de 39 anos).

No passado, Vera conta que o marido (estiveram casados por 37 anos) traiu-a continuamente com suas duas irmãs. Quando o marido lhe contou, em 1979, Vera teve uma “crise” com internação psiquiátrica, “mas não se lembra direito do que ocorreu”. Converteu-se durante a internação e “nunca soube ao certo o que se passou entre o esposo e as irmãs”, nunca perguntou e nem quis saber.

Outro evento da época foi uma relação incestuosa entre seu filho e a filha, que tinham 15 e 12 anos na ocasião. Só ficou sabendo anos mais tarde, quando a filha, durante um retiro religioso, contou para um pastor da igreja,

^a Pedro se trata no Hospital Psiquiátrico São Pedro, com carbamazepina e haloperidol, mas Vera desconhece seu diagnóstico, dizendo somente que às vezes ele tem momentos de impulsividade e de agressividade.

pedindo-lhe ajuda para falar aos pais. A reação da paciente foi enviar os filhos para dois retiros para jovens diferentes (ela e a filha recolheram-se juntas em um deles). Não sabe explicar a decisão de então isolar os filhos, por quase um ano, já que o incesto ocorrera muitos anos antes. Diz que talvez “suspeitasse” que a filha ainda pudesse ter algum interesse sexual pelo irmão.

Durante o tempo em que ela e a filha permaneceram no retiro, quase não falaram sobre o incesto. Em uma das conversas em que o assunto foi abordado, a filha se queixou de ter tentado lhe contar (reclamara, na época, de que o irmão estava “caindo em sua cama”), mas não ter recebido atenção. Vera ficou “revoltada”, não se recordava de a filha ter dito nada, e como poderia esperar que ela compreendesse algo dito desta maneira: “o irmão está caindo na minha cama”? “Que mãe poderia imaginar algo assim?” Disse à filha que “quando um não quer, dois não brigam”. Romperam entre si e pouco se falam até hoje. Vera pouco sabe do que se passou, explicando que “não quis saber mais nada”, pois “não saberia como lidar com a situação”.

Após a volta do retiro, o assunto do incesto foi proibido. Vera suspeita que os filhos mais novos tenham também sabido, pois “estavam em casa na época”, mas não sabe, pois nunca mais se falou sobre isso. Aos 22 anos, o filho saiu de casa. Mais adiante, a filha saiu para se casar, dizendo que jamais voltaria àquela casa. A paciente mantém hoje um relacionamento mais próximo somente com a filha mais nova, que também mora em e administra outra fazenda terapêutica, ao lado da de Vera. Essa filha (Elisa), ao saber do relacionamento da mãe com Pedro, também se afastou da mãe.

No segundo ano de psicoterapia, Vera menciona estar observando modificações de comportamento em uma das netas, de 5 anos. Diz estar preocupada, mas “não sabe bem por quê”. A neta vem apresentando comportamentos hipersexualizados^b, dançando, rebolando e utilizando linguajar que não é comum na família, estando “muito apegada” a outro dos internos da fazenda. As netas (5 e 4 anos), que moram na fazenda da filha, convivem com os dependentes químicos internados. Reconhece que, por mais que Elisa procure cuidar, as crianças se afastam com frequência da sede da fazenda. Não há nenhum adulto não dependente químico supervisionando as crianças e só há internos homens. Elisa, seu marido (também ex-dependente, que a conheceu quando era interno da fazenda de Vera) e sua irmã adotiva são os únicos responsáveis pelo local. Em face da repetida negação de Vera e de Elisa, a terapeuta interveio, sugerindo que as crianças não convivessem com

^b A hipersexualização foi uma percepção da terapeuta, pois a paciente só achava os comportamentos da neta um tanto “estranhos”.

os internos sem a supervisão constante de alguém da família. Os riscos a que as netas estavam sendo expostas pareceram ser uma ideia surpreendente para a paciente. Elisa, a mãe das crianças, tampouco se dava conta daquilo a que expunha as filhas (talvez por ela mesma ter se exposto a risco semelhante quando jovem).

Vera não sabe explicar por que se afastou da família adotiva, com a qual morou por 10 anos. Somente uma vez os procurou: estava com um forte prurido vulvar e achou que o pai, ginecologista, poderia tratá-la. Conta, ressentida, que a mãe se recusou a atendê-la como paciente, “mas que já esperava ser rejeitada pela mãe”. Quanto ao inusitado da situação (de, como filha, procurar o pai para um exame ginecológico), Vera considerou a situação “natural”: o pai já teria feito o pré-natal e o parto da outra filha (irmã adotiva de Vera) – mas, Vera ressalta, “sem fazer o exame de toque”.

Discussão

Como compreender negações tão extensas e graves dos limites entre as gerações que se observam nessas famílias e repetições significativas de situações incestuosas ou quase incestuosas entre indivíduos de gerações diferentes e entre membros de uma mesma geração? Ou a negação dos fatos envolvendo a sexualidade e a erotização dos laços intrafamiliares e das consequências dos mesmos, e, o que se impõe com maior urgência, a negação dos riscos a que estão agora expostos os membros mais jovens da família (as netas)?

Apesar das poucas informações disponíveis sobre as gerações anteriores da paciente e seu marido, o que impossibilita identificar o início desta cadeia de traumas e repetições, chama a atenção como relacionamentos incestuosos, negações e segredos se repetem, seja de forma consciente (como a paciente nunca querer saber o que ocorreu entre o marido e as irmãs), seja inconscientemente (não se dar conta do incesto dos filhos, achar natural casar com um filho adotivo ou ser genitalmente examinada pelo pai e, agora, não perceber o risco de abuso das netas).

São vários os exemplos do inusitado de situações perversas e suas repetições:

1. O pai adotivo de Vera que decide acompanhar o pré-natal e parto da filha biológica, sem que houvesse nenhuma situação de emergência que o justificasse: foi uma escolha do pai e da filha, autorizada pela mãe, que também serviu de anestesista...
2. A negação, por parte de Vera, da longa relação entre o marido e suas duas irmãs, dentro da própria casa, sem que percebesse

“nada” até que o marido lhe contasse. À parte uma crise inicial (histérica?), a paciente também não quis saber de mais nada sobre o assunto e manteve o casamento inalterado.

3. A negação do aspecto incestuoso do relacionamento com Pedro, seu “filho adotivo”, que a chama de mãe enquanto estão deitados juntos, e a persistência, sem crítica, de planos de casamento com o mesmo.
4. A negação da relação incestuosa entre os filhos, na adolescência, só revelada anos mais tarde pela filha, com o auxílio de uma pessoa de fora da família para poder ser ouvida.

As situações promíscuas, não faladas, por parte da geração dos pais e tias (o “ménage” entre o marido, a esposa e as duas cunhadas), se mantiveram “secretas” por anos, com o beneplácito (por negação) da paciente – seria só coincidência que os filhos, na mesma época, também passassem a atuar, entre si, a erotização incestuosa de todo o grupo familiar? O filho tinha 13 anos na ocasião da descoberta da relação do pai com as tias e a paciente acredita que todos os filhos presenciaram as brigas que se seguiram à “revelação”.

A reação da paciente à outra revelação, a do incesto dos filhos, foi separá-los da família (e ela junto, identificada com a filha), anos depois do incesto. A paciente a explica dizendo que “não soube o que fazer, não lhe ocorreu outra atitude, não teve sabedoria”, exemplificando, dinamicamente, como processos mentais traumáticos, não simbolizados e não pensáveis, só podem ter o destino de serem evacuados, sob a forma de atos e ações impulsivas – o que não impede sua repetição no futuro.

A separação dos membros da família foi uma tentativa de solução fóbica para a consumação da relação edípica, com o objetivo de evitar que a “catástrofe” fosse reconhecida e elaborada dentro do possível. Como uma desmentida perversa, soube-se do que aconteceu, mas, ao mesmo tempo, se fez de conta que não aconteceu nada! Impediu-se, portanto, que esses eventos pudessem ser “metabolizados” pela família, pelos filhos (e agora pelas netas), mantendo-se como um segredo e um assunto familiar proibido, cujo destino talvez seja o de uma reprodução interminável.

Pode-se pensar que a origem do rancor da paciente com a filha não seja esta não ter lhe contado explicitamente sobre o incesto com o irmão na época da sua ocorrência. O “pecado” da filha foi ter finalmente feito a denúncia a alguém externo e assim violado o *pacto denegativo* dos segredos familiares. Sua suspeita de que a filha ainda hoje nutra desejos incestuosos pelo irmão possivelmente expressa uma projeção dos próprios desejos edípicos

pelo pai da infância, que a rejeitou quando criança, “telescopado” no projeto atual de casamento com o filho adotivo (que às vezes a paciente, quando se distrai, chama de neto). Embora a denúncia da filha não possa ter sido ignorada, pôde, por outro lado, ser “enterrada” em uma “cripta” do grupo familiar, não falada, e levando, finalmente, à deterioração dos vínculos familiares que se estendeu até hoje e que atualmente ameaça a implosão final do que restou da família se a paciente vier efetivamente a se casar com seu filho adotivo – ou se for permitido que as netas sejam abusadas pelos demais dependentes químicos com quem convivem na fazenda. Afinal, eles são também “filhos adotivos” da paciente, que ficam excitando suas “irmãzinhas” (como ocorreu entre seus filhos biológicos) e a família, novamente, escomotizando a provável repetição de uma perversa e iminente situação de incesto transgeracional.

Considerações finais

Cadmo, trisavô de Édipo, funda Tebas e dá início à sua descendência. Nas gerações anteriores a Édipo, desde a fundação de Tebas, a sucessão se dá sempre por assassinatos e parricídios. Segundo Faimberg, o nó da tragédia de Édipo reside na mentira, já que Édipo não consegue evitar a consecução do parricídio e do incesto por ser seu destino regido por ela. E se Édipo, ao final de sua vida, pôde elaborar seus conflitos e, como diz o mito, reconciliar-se com os “deuses”, o mesmo não foi possível a seus filhos. Para eles não houve qualquer possibilidade de elaboração, e todos, com exceção de Ismene, buscaram, ainda jovens, uma morte violenta. Repete-se, portanto, através das gerações, o infortúnio da transmissão transgeracional, proveniente de uma estrutura familiar narcísica¹⁴.

Benghozi, que disserta sobre a problemática do trauma a partir de catástrofes comunitárias, afirma que o risco constante quando há um traumatismo psíquico não metabolizado é a repetição da cena da violência, mesmo depois de várias gerações. A vítima se torna carrasco. O fenômeno pode ser encontrado nas terapias tanto de famílias com relações incestuosas como daquelas com violência intrafamiliar. O trabalho de elaboração é, portanto, um trabalho preventivo da saúde psíquica também *das crianças ainda não nascidas*. Esta é uma das funções, não negligenciáveis, da ajuda que pode ser trazida a vítimas e vetores dessas experiências traumáticas¹⁵. O autor alerta que, quando nos confrontamos com situações extremamente traumáticas, nossas próprias capacidades mentais de conter a “insustentável crueldade do ser” podem nos levar a um autêntico revisionismo psíquico, induzindo-nos a duvidar da realidade das “atrocidades extremas”.

Referências

1. KAËS R. Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
2. GRANJON E. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: CORREA OBR. (org.). Os avatares da transmissão psíquica geracional. São Paulo: Escuta, 2000.
3. PEREIRA DA SILVA MC. A herança psíquica na clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo; FAPESP, 2003.
4. FRAYZE-PEREIRA JÁ. Prefácio. In: PEREIRA DA SILVA MC. A herança psíquica na clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo; FAPESP, 2003.
5. TRACHTENBERG ARC. Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. In: TRACHTENBERG ARC. et al. Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
6. TRACHTENBERG ARC. et al. Homenagem a René Kaës. In: TRACHTENBERG ARC. et al. Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
7. Correa OBR. Ecloração dos vínculos genealógicos e transmissão psíquica. In: CORREA OBR. (org.). Os avatares da transmissão psíquica geracional. São Paulo: Escuta, 2000.
8. TRACHTENBERG ARC. et al. Vicissitudes do conceito de identificação e transmissão entre gerações. In: TRACHTENBERG ARC. et al. Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
9. TRACHTENBERG ARC. et al. Verbetes. In: TRACHTENBERG ARC. et al. Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
10. TRACHTENBERG ARC. et al. O negativo e as transmissões transgeracionais. In: TRACHTENBERG ARC. et al. Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
11. KAËS R. Um pacto de resistência intergeracional ao luto. Transmissão psíquica dos efeitos da morte de uma criança sobre os irmãos e irmãs e sobre sua descendência. In: CORREA OBR. (org.). Os avatares da transmissão psíquica geracional. São Paulo: Escuta, 2000.
12. ABRAHAM E TOROK. A casca e o núcleo. São Paulo: Escuta, 1995.
13. CHEM VDM. Transgeracionalidade, cisão do ego e o mecanismo da desmentida. In: TRACHTENBERG ARC. et al. Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

14. TRACHTENBERG ARC. et al. Revisitando Sófocles: a trilogia tebana sob a lente transgeracional. In: TRACHTENBERG ARC. et al. Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
15. BENGHOZI P. Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situação de crises e catástrofes humanitárias. Desemalhar e reemalhar continentes genealógicos familiares e comunitários. In: CORREA OBR. (org). Os avatares da transmissão psíquica geracional. São Paulo: Escuta, 2000.

Recebido em: 10/05/2011

Aceito em: 27/09/2011

Endereço para correspondência:

Ingrid Borba Hartmann

E-mail: hingridb@via-rs.net